

Os Braços da Lancha

Manuel Mata Ficou Tripulante Para Sempre

José Peixoto

Sábado, 15 de Setembro, a Lancha Poveira do Alto completa 21 anos. A vela tornada concha pelo vento e a quilha a rasgar todas as marés continuará a ser o destino da "Fé em Deus", orgulho dos poveiros e de todos os que trazem o coração agarrado à cidade, mesmo quando a vida os levou para outras margens. "Não tive opção. Com três anos e meio fui carregado para o Brasil. O meu pai foi dois anos antes arrumar a vida. Ele tinha lá um irmão e um cunhado que facilitaram a integração. Quando arrumou o dinheiro para a minha mãe e os três filhos viajar de barco, juntou a família. Nos primeiros anos, o meu pai foi pescador, mas depois deixou o mar para trabalhar

numa padaria. A gente cresceu e aos dez anos começou a ajudar na padaria", revelou-nos Manuel Mata.

A viver no Brasil onde exerce engenharia civil, Manuel Mata nasceu na Póvoa de Varzim em 1948. De visita ao berço, o mais recente tripulante explica como é que o seu destino se cruzou com a lancha poveira: "o mestre Nia falou-me da viagem a Santiago e, como sempre quis participar numa aventura dessas, ofereci-me de imediato. Foi uma viagem inesquecível. Foi o melhor que me aconteceu nestes dois meses e meio de férias". E acrescenta: "navegar na lancha poveira tocou-me profundamente. Quando tinha uns três anos, subia ao bar-

co do meu avô, onde o meu pai era tripulante. Era uma embarcação com dois nomes, de um lado Santo António, do outro S^a da Agonia. Enquanto na areia puxavam os cabos (ala arriba), eu feliz da vida olhava os peixes nas cavernas do barco. Depois de 60 anos passados no Brasil, foi um renovar de sensações".

A primeira saída a sério na Fé em Deus foi com um grupo de escuteiros. "Foi uma pequena viagem, mas deu para sentir o mar e ver como a embarcação se comportava. Cambar a vela com as moças escuteiras todas enjoadas e quase em pânico foi raro. Senti-me sempre muito seguro como se fosse um veterano da embarcação".

Para Manuel Mata, navegar na lancha poveira é dar um salto ao passado: "a maior narração que tenho é da minha mãe, porque era filha do dono do barco. Ela contava as vibrações que tinha e eu fui capitalizando aquelas reacções. Mas eu só imaginava a figura em função das palavras. Quando estamos dentro da embarcação a



Manuel Mata

participar naquilo tudo, passamos do virtual ao real. É fantástico puxar o cabo para içar a verga, depois amarrar e puxar a escota para o leme. Tudo é feito numa rotina. Tudo muito rápido. É indescritível".

Nos três dias de viagem de ida e volta a Santiago todos os desenlaces foram sentidos com emoção: "navegamos com nevoeiro cego a 30 metros, mar calmo e mar vivo, vento calmo e agressivo, situações que a cada instante modificam e multiplicam. Foi um presente". Comer a bordo tem também o seu cunho antigo: "lembro-me da minha mãe contar que punha a comida no baú para o meu pai levar. Na lancha faz-se churrasco a navegar. Com o chefe Victor no comando, a carne sai temperada. Todo

o mundo come e bebe à vontade. Ou seja você participa integralmente na festa, até no comer".

Manuel Mata confessa que a lancha poveira o agarrou à vontade de voltar a navegar. "Na hora em que eu tiver conhecimento de uma nova viagem, pode ser de quatro, de dez dias, não há problemas. Eu tomo um avião e venho correndo". E revela: "tenho uma réplica da Fé em Deus oferecida pelo meu primo Victor Castro e tive que comprar uma mala especial para poder levá-la para o Brasil. Está na sala com a vela armada e vai-me fazer lembrar todos estes momentos. Na vida nada acontece por acaso, há sempre um caso. Foi fantástico, já posso chegar ao Brasil, olhar para a lancha e sentir-me lá dentro".

Baila Pasión
ESCOLA DE ENSINO FLAMENCO E DANÇAS DE SALÃO DA PÓVOA DE VARZIM

Modalidades
Flamenco
Sevilhanas
Dança de salão
Ritmos Latinos
Dança do Ventre
Tango Argentino

Workshops
Espectáculos
Aulas Particulares
Aulas para Noivos
Aulas de Dança em Empresas

VISITE-NOS EM
www.bailapasion.com

ASTROLOGIA

Consultas - mapas e orientações astrológicas
Aulas - inscrições abertas no início de Setembro
Palestras - gratuitas para instituições culturais

Rua José Malgueira, n.º 5, 1.º andar
Tel: 910 058 897

Fotógrafo do Acaso Miguel Barros

As Pranchas da Póvoa

Longe vão os tempos em que era possível dar uns bons mergulhos na Póvoa. As míticas pranchas das piscinas da extinta Sopete, hoje municipais, deixaram de existir há mais de uma década. Ainda que por pouco tempo, sobreviveram as das piscinas do Desportivo, bem menores, mas que ainda davam para sentir as sensações de um mergulho em altura. Actualmente não há nada, nem altas nem baixas. Simplesmente não há pranchas para mergulho. Não podendo ter as pranchas de antigamente, os miúdos de agora vão para o porto de pesca saltar das plataformas de embarque, porque não há nenhuma consola que dê a mesma sensação de um bom salto para a água!

